

ARTE E MOVIMENTO EXPRESSIVO: POSSIBILIDADES DE ESTIMULAR A INTELIGÊNCIA EMOCIONAL DA CRIANÇA E SUPERAR ALGUMAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Lucia Helena P. Pereira¹
Jaqueline M. M. Madeira²
Angel M. Fidalgo³

Resumo - Este artigo define a educação emocional e analisa suas contribuições para minimizar dificuldades de aprendizagem classificadas de socioemocionais, aquelas em que as dificuldades se apresentam na relação do indivíduo consigo mesmo e/ou com os outros (ALVES, 2013) e que exigem o desenvolvimento das inteligências inter e intrapessoais (GOLEMAN, 1995). O movimento expressivo e a arte são recursos que as pesquisas desenvolvidas apontam como viáveis para implementar a educação emocional, o que é fundamental para que o indivíduo responda convenientemente às diversas situações existenciais. Através do movimento e das manifestações artísticas, a criança pode expressar dúvidas, construir e reconstruir ideias que povoam seu imaginário, dando-lhes formas, cores, movimentos, brincando com possibilidades, encontrando respostas para suas dúvidas. É um modo de vivenciar, através de formas expressivas que não são verbais, aquilo que percebe ou sente, uma vez que ainda não tem o domínio necessário das palavras e das emoções. A criança é capaz, ainda, de desenvolver habilidades essenciais como autoestima, autoconfiança, empatia, autocontrole, autonomia, criatividade e flexibilidade.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. Educação emocional. Movimento expressivo. Arte.

1 Situando nosso foco

O desenvolvimento emocional não acontece linearmente, se faz de idas e vindas, de passos à frente e outros atrás, em um jogo de progressões e regressões como observa Maldonado (1986). Situações diversas podem gerar conflitos para a criança (como separação dos pais, chegada de um irmãozinho, mudança de bairro ou de escola, luto na família, perda da babá querida entre outras), prejudicando sua atenção e gerando desmotivação que pode ser principalmente observada na escola.

Cornel *et al.* (2011) afirmam que, durante uma crise, os seres humanos necessitam utilizar seus recursos internos para suportá-la e atravessá-la, o que consome muito de sua energia. “Assim sendo, muitas vezes, torna-se difícil para uma criança seguir o percurso normal da aprendizagem durante a vivência de uma crise familiar, de uma perda significativa ou de

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Professora aposentada da Universidade Federal de São João del-Rei, onde atuava na Graduação em Pedagogia e no Programa de Pós-Graduação em Educação. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1910006227364616>. Email: luciahelenapp@gmail.com.

² Doutora em Psicologia pela Universidade de Oviedo, Espanha, especializada em inteligência emocional e pessoas altamente sensíveis. Mais informações sobre trabalho e currículo em www.jmmadeira.com.

³ Doutor em Psicologia pela Universidade de Oviedo, Espanha. Professor titular na área de Metodologia das Ciências do Comportamento. Atualmente responsável pela “Análise Multivariada” na Faculdade de Psicologia.

uma grande mudança, situações diante das quais pode ser necessário um processo de luto para que sejam elaboradas” (p. 245). As autoras enfatizam que, de modo geral, com apoio familiar, mesmo sendo doloroso e difícil, esse processo pode ocorrer de forma mais tranquila. Mesmo apresentando mudanças de comportamento, a criança consegue desempenhar suas atividades sem maiores danos, embora sempre mereça atenção e cuidado.

Os efeitos das crises podem se manifestar em áreas específicas, dentre elas, no processo de aprendizagem, uma vez que nosso estado de espírito, como tristeza, entusiasmo, medo, insegurança, confiança, entre outros, interfere na capacidade de aprender. Quando surgem dificuldades de aprendizagem das crianças, é preciso que se faça uma análise, uma vez que as situações que geram tais dificuldades podem ser complexas e apresentar múltiplas variáveis. É necessário considerar as relações familiares e escolares, a história de vida e dificuldades pessoais.

Cornel *et al.* (2011) enfatizam ainda que, além da família, a escola é um dos agentes responsáveis pela integração da criança à sociedade, por meio de atividades grupais que lhe permitem se sentir um ser social, parte de sua comunidade. Assim sendo, “o papel do educador é essencial, pois ele pode proporcionar um ambiente seguro e atender às necessidades da criança na fase de desenvolvimento escolar”. Advertem ainda que, “[...] quanto mais precocemente a criança com dificuldades for ajudada, maiores serão as possibilidades de se desenvolver de forma saudável” (p. 247).

Lopes (2010) observa que o conceito de “dificuldades de aprendizagem” não tem uma definição consensual. Isto se deve, segundo ele, ao fato de se referir a um “constructo inobservável” inferido a partir de indicadores observáveis. Afirma ainda que tais dificuldades são “inesperadas”, uma vez que se mostram, de modo geral, em indivíduos considerados inteligentes. Segundo o autor, o conceito se aplica atualmente “[...] a um grupo de indivíduos que apresenta uma discrepância significativa entre aquilo que é esperado e aquilo que efetivamente realiza em termos acadêmicos” (p. 37).

Alves (2013) enfatiza que as crianças com dificuldades de aprendizagem formam um grupo bastante heterogêneo, uma vez que cada criança é singular, assim como suas dificuldades. Mas há características comuns que permitem que crianças com dificuldades possam ser separadas em três grupos distintos: discrepância acadêmica ou escolar; problemas cognitivos; problemas socioemocionais.

A *discrepância acadêmica ou escolar* mostra um diferencial entre o potencial intelectual da criança e o seu rendimento escolar, essencialmente na leitura, escrita ou cálculo. Os *problemas cognitivos* relacionam-se com os processos psicológicos básicos diretamente

associados à aprendizagem: a percepção, a memória e a atenção/concentração. As *dificuldades socioemocionais* estão relacionadas com aquelas que os componentes deste grupo apresentam na sua relação consigo mesmos e com os outros. E são estas dificuldades que queremos analisar e para elas propor uma possibilidade de ação na escola.

Dentre os problemas socioemocionais que se relacionam com as dificuldades de aprendizagem, podem-se apontar transtornos comportamentais entre a criança e os outros, seja na escola ou fora dela, afetando seus sentimentos e comportamentos. Dificuldades com os responsáveis ou com os professores, por exemplo, podem causar problemas de aprendizagem. Também se percebe que alunos com dificuldades escolares são frequentemente rotulados como pouco inteligentes, desinteressados ou preguiçosos, o que pode aumentar seus níveis de estresse e de problemas familiares, além de provocar baixa autoestima, insegurança, vergonha, raiva, frustração e agressividade (ALVES, 2013).

Como se pode concluir, as *dificuldades inter e intrapessoais*, isto é, as *denominadas socioemocionais* por Alves (2013), naturalmente, afetam a vida escolar e familiar, e, diante disso, a educação emocional traz contribuições significativas, o que veremos ao longo deste texto. Mas, antes, vamos definir o que é educação emocional, inteligência emocional, inteligências inter e intrapessoal.

2 Educar as emoções é possível?

O termo inteligência emocional foi divulgado ao grande público por Daniel Goleman (1995) a partir das pesquisas de Mayer e Salovey (1997) que a definem como a competência de identificar os nossos próprios sentimentos e os dos outros, de nos motivarmos e de administrarmos bem as nossas emoções e aquelas de nossos relacionamentos. Quando falamos de educação emocional, estamos nos referindo a desenvolver essa forma de inteligência. Falamos de desenvolver a inteligência intrapessoal (autoconhecimento) e a interpessoal (relações estabelecidas).

Howard Gardner (1983) é o criador da Teoria das Inteligências Múltiplas, teoria que revolucionou o mundo educativo por apresentar um conceito de inteligência inovador: “Inteligência é a capacidade para resolver problemas, ou para elaborar produtos que são de grande valor para um determinado contexto comunitário ou cultural” (p. 27). A partir desta definição, surgem sete inteligências – musical, cinética-corporal, lógico-matemática, linguística, espacial, intrapessoal e interpessoal. Sua teoria trouxe o foco para as importantes habilidades que as crianças já trazem geneticamente e que, em interação com o social, conferem

individualidade ao processo de aprendizagem, isto é, as crianças apresentam capacidades e formas de aprender diferentes, sendo necessário que tais diferenças sejam consideradas. A educação emocional só se tornou possível a partir dessa visão trazida por Gardner e da compreensão de que é importante valorizar e desenvolver nas crianças as sete inteligências por ele defendidas.

Dentre as Inteligências Múltiplas, a inteligência intrapessoal está definida como a capacidade de ter acesso à própria vida emocional, significa poder perceber os próprios sentimentos, dar-lhes um nome, discriminar entre as suas pequenas diferenças e intensidades, interpretar corretamente estas variações perceptivas, e usar este conhecimento para orientar as decisões. Resumindo, podemos dizer que é ter um conceito correto e real de si mesmo e ser capaz de usar este conceito para tomar decisões. Gardner (1983) especifica ainda, em referência à inteligência intrapessoal, os conceitos de fortalezas e debilidades, isto é, conhecer em que somos bons, o que sabemos e fazemos bem (fortalezas), e em que costumamos ter mais dificuldades, precisando nos trabalhar ou nos esforçar mais (debilidades). A inteligência intrapessoal também é importante para as relações sociais, já que diversas pesquisas demonstram que a capacidade de compreender e sentir nossas próprias emoções é fator decisivo para entender os demais e sentir empatia.

A inteligência interpessoal é a capacidade de perceber os estados de ânimo, motivações e intenções de outras pessoas, ainda que estejam ocultos, o que facilita a interação com as pessoas e a ação de liderar grupos ou de, simplesmente, compreender, motivar, e guiar pessoas.

A teoria das inteligências múltiplas enfatiza que cada pessoa nasce com algumas capacidades ou habilidades mais desenvolvidas que outras, e todas elas, incluindo as habilidades intrapessoal e interpessoal, podem ser aprendidas e/ou melhoradas através da educação e da experiência.

Segundo o neurocientista António Damásio (1996), até mesmo para tomar boas decisões necessitamos unir sentimentos e pensamentos. Quando pensamos algo, os centros cerebrais avaliam de imediato de forma positiva ou negativa; são as sensações viscerais, intuitivas, que ajudam no processo cognitivo das avaliações e decisões finais. Quanto mais conscientes somos deste processo, melhores decisões são tomadas. Portanto, podemos afirmar que as emoções são indispensáveis para uma tomada de decisões racional, porque nos orientam em uma determinada direção, contribuindo para melhor aproveitamento das oportunidades.

Assim, desenvolver a inteligência emocional é fundamental para se chegar a ser um indivíduo que funciona bem na vida, ou seja, que responde de modo conveniente às diversas situações com que os sujeitos se deparam ao longo da existência. Portanto, respondendo a

pergunta inicial, educar as emoções é, sim, possível, já que educação emocional pode ser definida como o processo de aprendizagem para adquirir ou melhorar as aptidões que permitam usar com mais propriedade as habilidades da inteligência emocional.

2.1 E quais são estas habilidades emocionais?

Queria imaginar que a educação do futuro incluirá em seu programa a aprendizagem das habilidades tão essencialmente humanas como o autoconhecimento, o autocontrole, a empatia e a arte de escutar, resolver conflitos e colaborar com os demais (GOLEMAN, 1995, p. 31).

As habilidades ou competências consideradas pilares da inteligência emocional são cinco: autoconceito (autoestima), automotivação, autocontrole, empatia e habilidades sociais: a) Autoconceito é a capacidade de construir uma definição realista de quem sou, de ser consciente das minhas fortalezas e debilidades, e trabalhar com este conceito, usando-o nas tomadas de decisões, buscando sempre melhorar as falhas; b) Automotivação é a capacidade de motivar a si mesmo para realizar e construir ou cumprir as metas propostas; c) Autocontrole é a capacidade de controlar os impulsos, de esperar o momento certo de atuar ou de simplesmente saber tranquilizar-se enquanto espera ou enquanto está dominado pelas emoções negativas; d) Empatia é a capacidade de colocar-se no lugar dos demais, sem julgar. Ou, como define Rafael Vidac, em uma fala pela internet em 2016: “É a capacidade de navegar no oceano da emocionalidade de outras pessoas sem se afogar”; e) Habilidades sociais são as competências usadas para se relacionar com outras pessoas, sendo a assertividade e a comunicação efetiva as mais importantes e conhecidas.

O processo de aprendizagem da compreensão emocional, que é o passo prévio a adquirir as destrezas de atuação, passam por 4 etapas: identificar emoções, nomear ou etiquetar cada emoção, relacionar o nome do que sentimos com as vivências que estão relacionadas com esta emoção, prestando especial atenção aos pensamentos que vão relacionados com tais vivências e, finalmente, regular as emoções, que é a fase de atuação ou seja de saber o que fazer com a emoção.

3 Importância de trabalhar a educação emocional (inteligência emocional)

O impacto da aprendizagem das competências emocionais e sociais na vida das crianças é enorme. Alguns estudos longitudinais, que seguem a população durante anos, encontraram

influências significativas destas habilidades no rendimento acadêmico das crianças ao longo de toda a sua escolaridade, além de uma importante repercussão das decisões tomadas sobre a trajetória acadêmica durante os anos de escolarização. O resultado desta influência é a notável diferença no tipo de trabalho que esses indivíduos conseguem, a remuneração que alcançam e a possibilidade de passarem com mais facilidade por momentos de instabilidade laboral ou, até mesmo, por fases de desemprego e superá-las (GIMENEZ-DASI; QUINTANILLA, 2018)

Do ponto de vista psicológico, as habilidades emocionais e sociais são fundamentais para a adaptação das crianças. Muitas pesquisas, como a citada anteriormente, mostram que quanto maior competência ou habilidades emocionais tem o indivíduo, menos problemas como depressão, ansiedade e agressividade apresentam, e mais cooperativos e empáticos se tornam. E estes traços revertem, por sua vez, em maior aceitação social, repercutindo também em maior autoestima. E autoestima (autoconceito) é fundamental para o bem-estar psicológico e a aprendizagem. A forma como valoramos a nós mesmos influi na condição de autoeficácia e nas expectativas ante as metas que estabelecemos. Outra questão importante é que as habilidades emocionais incidem diretamente nas chamadas condutas de risco. Adolescentes com mais inteligência emocional se implicam menos em tais condutas como o uso de drogas ou participação em grupos que pregam a violência ou o desrespeito. Também desfrutam de um desenvolvimento mais saudável, porque protegem melhor a sua saúde.

Resumindo, as pesquisas confirmam que as habilidades da inteligência emocional afetam a construção da nossa personalidade e até mesmo os hábitos de saúde. Como foi apontado, é tão importante para a vida, que acreditamos que qualquer pessoa responsável por educar crianças, sejam pais ou professores, deveria conhecer estas habilidades e como ensiná-las para, assim, aumentar as oportunidades de aprendizagem dos pequenos. E que, através das próprias experiências do dia a dia, estes possam ser estimulados a aprender, a aumentar sua inteligência emocional e a incorporar estas habilidades à medida que se desenvolvem.

Como afirma Goleman (2011), a vida é cheia de altos e baixos, e devemos aprender a manter o equilíbrio, porque a sensação de bem-estar é determinada pela adequada proporção entre as emoções positivas e as negativas. Aprender a buscar e a manter o equilíbrio é uma habilidade fundamental. Saber identificar e saber expressar o que se passa conosco são, também, habilidades importantes para pedir e receber ajuda nos momentos difíceis. Vários estudos apontam que ter uma rede de apoio e segurança facilita às pessoas superar as barreiras que vão surgindo ao longo da vida. Com a criança, isso é ainda mais importante.

No caso das crianças com dificuldades de aprendizagem, desenvolver a capacidade de se expressar e formas alternativas para fazê-lo é fundamental para que possam manter um

autoconceito saudável, e possam continuar seu desenvolvimento superando os problemas iniciais. O poeta russo Joseph Brodsky, um sábio conhecedor da alma humana observou: “Sentimentos, matizes, pensamentos e percepções que ficam sem nome, silenciados ou guardados se sentem oprimidos dentro e podem desembocar em uma explosão ou implosão psicológica” (1995, p. 144). Trabalhar com movimentos expressivos e as atividades artísticas é um caminho a mais para a construção de uma identidade saudável.

4 O movimento expressivo e as atividades artísticas como recursos para o desenvolvimento da inteligência emocional

O processo de apreensão do mundo e de expressão da criança é bastante diferenciado daquele do adulto, necessitando de outras formas de linguagem para que ela compreenda e ressignifique a realidade a sua volta, para que ela possa apreender o mundo, se comunicar e se expressar. Quando falamos de outras formas de linguagem nos referimos a gestos, desenhos, pintura, música, dança, jogos teatrais, entre outras. Tais linguagens trazem a possibilidade de que a criança acesse níveis de compreensão que, muitas vezes, a linguagem verbal ainda não pode privilegiar, seja por um vocabulário pouco desenvolvido ou por serem questões de difícil verbalização para ela.

4.1 Um exemplo para começar

O **Projeto Acuarela**, desenvolvido em Oviedo, na Espanha, como resultado de tese de doutoramento em Psicologia de Madeira (2016), nos mostrou como a educação emocional pode ser trabalhada a partir da arte e do movimento, da mesma forma que o trabalho de campo realizado durante sua pesquisa. O projeto, pensado para crianças a partir dos cinco anos, uniu três teorias: Inteligência Emocional e seus 5 pilares (GOLEMAN, 1995), Inteligências Múltiplas (GARDNER, 1983) e Bioexpressão, uma proposta teórico-prática, que orienta as atividades pedagógicas (PEREIRA, 2005). O objetivo principal do programa é proporcionar às crianças um espaço de aprendizagem ativa das habilidades da inteligência emocional. Para tal, as crianças desenvolvem múltiplas atividades de movimento expressivo e expressão artística, seguindo as bases das atividades bioexpressivas que orientam a metodologia utilizada. E os resultados alcançados até o momento têm sido muito positivos.

Com a finalidade de deixar um exemplo da forma de trabalhar o movimento e a arte no programa desenvolvido, apresentamos o que foi trabalhado ao longo do último mês. Foram

trabalhadas as emoções básicas (alegria, tristeza, medo, asco e ira) usando, como estímulo e modelos, os personagens do filme *Divertida Mente* (*Del Revés* na Espanha). O filme infantil conta a forma de uma criança enfrentar algumas dificuldades em um momento de mudança de cidade e escola; os personagens são suas próprias emoções. Como espectadores, temos a oportunidade de ver os comportamentos que vão se associando a cada emoção. Uma forma divertida de ver como as emoções funcionam e comandam nosso corpo.

As atividades se iniciam sempre com relaxamento e a prática de pequenos exercícios de *mindfulness*, que ajudem as crianças a centrar a atenção. A seguir, através da metodologia de projetos (segundo Inteligências Múltiplas), cada criança escolhe um tema (decidido previamente com o grupo) e cada semana uma delas expõe para o grupo os resultados de sua reflexão depois de ver o filme e preparar algumas frases sobre o seu tema, e com o material que escolheu. Os temas escolhidos foram:

Tema 1: Quais são as emoções básicas e suas funções. O filme trabalha com as emoções básicas em seus aspectos saudáveis e não saudáveis. O medo, por exemplo, pode nos proteger do enfrentamento de situações perigosas, nos evitar muitos problemas. Mas em excesso é paralisante. O nojo (asco) também evita que façamos a ingestão de coisas estragadas, mas pode não ter uma razão que o justifique. Além de intercambiar impressões, as crianças dançam e criam juntas formas diferentes de expressar estas emoções, e a educadora e as crianças pensam juntas sobre o que acontece quando esta expressão não é saudável (Dizer palavrões, cuspir ou atirar objetos, por exemplo). Ainda são revisadas algumas das estratégias para tranquilizar o corpo que haviam sido aprendidas anteriormente. Tema 2: Como se formam nossas lembranças a partir das vivências junto com nossas emoções, e como estas emoções marcam o que lembramos. Tema 3: Como formamos a nossa personalidade a partir das lembranças, hábitos e emoções.

Cada criança trabalhou em casa no seu tema, fez uma apresentação e participou da discussão dos trabalhos dos companheiros. Ao final, foi escolhida uma música, criada uma dança e um desenho que representassem as vivências. Este projeto também significa uma ótima oportunidade para trabalhar as habilidades sociais, já que as crianças precisam cooperar entre si, ser assertivas, pedir ajuda, escutar e opinar sobre a proposta dos companheiros. Aprender vendo, criando e construindo novas formas de fazer e de se relacionar.

4.2 Por que os resultados são positivos? Por que o movimento e a arte educam as emoções e interferem nas dificuldades de aprendizagem?

O movimento expressivo e as atividades artísticas são recursos muito significativos para trabalhar a integralidade do ser. São formas valiosas de trabalhar aspectos fundamentais para o desenvolvimento infantil como veremos a seguir.

4.2.1 O movimento infantil

Gestos e movimentos infantis são muito mais que uma forma de alcançar objetos ou de se deslocar no espaço para chegar a algum lugar, são formas perceptivas e expressivas, refletem sensações, emoções e pensamentos. Reparem uma criança se expressando: todo seu corpo se manifesta, expressa sua atenção ou desinteresse, alegria ou aborrecimento, medo ou raiva e tantas outras emoções. Os planos da afetividade, da motricidade e da cognição estão permanentemente implicados na aprendizagem e no desenvolvimento da criança. As tendências naturais para o movimento e para sua expressão são, desde os primeiros anos, prejudicadas pela prioridade dada à formação intelectual em detrimento do desenvolvimento integral da criança. E assim, não há uma harmonização entre inteligência, sensações e necessidades básicas, criando-se uma desordem psicossomática que se manifesta cada vez com maior frequência e que pode se traduzir por dificuldades de aprendizagem, tensões, tiques, perturbações respiratórias, perda da espontaneidade e ansiedade.

O desenvolvimento da criança implica consciência e conhecimento progressivo e cada vez mais profundo do próprio corpo e das próprias emoções. Até que a criança tenha adquirido competência no uso do pensamento abstrato e da linguagem verbal, os gestos, movimentos e outras formas de linguagem (desenhos, pinturas e jogos dramáticos, por exemplo) são o que lhe permite atender a suas necessidades de expressar emoções e criar relações. A motricidade é o que permite a interação entre o seu movimento interno e o externo, é o que permite que estabeleça relações com seu grupo social (família, escola, amiguinhos da pracinha, da natação, etc.) (PEREIRA, 2011).

Os espaços escolares são inadequados, geralmente, ocupados por mesinhas e cadeiras, reduzem seu campo de experiências, reprimem atividades expressivas como a brincadeira, a dança, a música, os jogos teatrais, e o faz de conta, uma forma espontânea de jogo teatral. Se lhe são oferecidos movimentos reduzidos e rígidos, repetitivos e imitados, suas sensações e sua vivacidade vão sendo entorpecidas, sua criatividade debilitada, o que tenderá a gerar desajeitamento e insegurança, que poderão permanecer na juventude e idade adulta.

Não são instâncias separadas que aprendem e, sim, o organismo como um todo. Contrariamente ao que muitos acreditam não é apenas a mente que assimila conhecimentos. O

psicopedagogo e psicomotricista Vítor da Fonseca (1988) observa que muitas “epidemias escolares” como dislexias, disgrafias e discalculias põem em questão os métodos de aprendizagem, afirmando que mobilidade e inteligência são inseparáveis, uma vez que o pensamento se estrutura por meio do movimento. O autor afirma que “[...] a ausência de espaço e a privação de movimento é uma verdadeira talidomida da atual sociedade, continuando na família (urbanização) e na escola”. Não aceitar essa necessidade dos movimentos infantis e suas experiências corporais, prejudica “as atividades instrumentais que organizam o cérebro” (p. 88). Podemos acrescentar a isso que é mais que desejável que nossas crianças e jovens se tornem adultos que, além de usarem a razão, saibam lidar com suas emoções e com seu corpo e que saibam se relacionar adequadamente, o que percebemos ser uma carência do nosso mundo.

As manifestações corporais e emocionais da criança são reprimidas desde muito cedo, e este cerceamento é legitimado em nome da disciplina. Poda-se, assim, sua autonomia e sua criatividade, e sua expressividade é trancafiada, sendo-lhe permitido mostrar para o mundo apenas o comportamento esperado e aprovado socialmente. As atividades lúdicas e artísticas atuam no sentido inverso, não repressivo. Trazem a possibilidade de que a criança possa manifestar sentimentos, pensamentos e movimentos, contribuindo com a educação da sensibilidade, da criatividade e da autonomia (PEREIRA, 2010).

4.3 Atividades artísticas: a vivência do sensível, da criatividade, da flexibilidade e da autonomia

A Arte-educação, diferentemente das áreas específicas da Arte, não visa formar artistas ou especialistas, mas, como afirma Duarte Júnior (2008), educar a sensibilidade para com o mundo, desenvolver a consciência estética e estimular os processos de criação. A criatividade, como afirma Ostrower (1993), não é dom de alguns eleitos, mas um potencial humano, acessível a todos. Como tal, precisa ser desenvolvido e estimulado. Segundo a autora, criar implica falar de dentro para fora, falar da própria experiência. Criar é refletir sobre o que nos cerca e buscar respostas. Como outras qualidades humanas como o amor, a coragem, a maturidade e a compreensão, é uma conquista pessoal, uma qualidade de crescimento que deve ser estimulada. Por isso mesmo, uma forma de educar as emoções.

A arte abre espaços para o que dá humanidade ao homem: a sensibilidade, a capacidade de conhecer a si mesmo, e de entender o outro; a afetividade, a capacidade de simbolizar, a imaginação para buscar saídas para um mundo melhor. É claro que a relação que se estabelece entre a criança ou o adulto e a arte é diversa. Duarte-Júnior (2008) observa que o ponto principal

da diferença é que o adulto é capaz de fruir, ou seja, de apreciar o objeto da arte: uma composição musical, um balé, pinturas, esculturas, etc. Já para a criança, a arte se constitui em um fazer, em uma atividade que podemos qualificar como artística. Ela é importante por ser uma ação significativa e não por proporcionar-lhe uma experiência estética como ocorre com o adulto. Devemos considerar, assim, que o importante não é o produto, mas o processo criador da criança, a sua atividade expressiva.

As atividades artísticas trazem a possibilidade de que se crie uma postura mais harmoniosa e equilibrada diante do mundo, integrando sentimentos, razão e imaginação, exercitando a habilidade de discriminar e fazer escolhas, a capacidade crítica e perceptiva. Estimulam ainda o desenvolvimento da inteligência inter e intrapessoal. A inteligência interpessoal é o que permite que haja empatia, ou seja, a capacidade de compreendermos o sentimento ou reação de outra pessoa, conseguindo imaginar-nos nas mesmas circunstâncias.

Ao estimular a criança a desenhar, contar ou recontar uma história, manipular lápis de cor, giz de cera, pincéis, tinta guache e aquarela, incentivando-a a expressar suas emoções, estamos ajudando-a a se relacionar com o mundo a sua volta e a desenvolver a autocompreensão, ou seja, sua inteligência intrapessoal. Da mesma forma, propiciar-lhe situações em que possa perceber diferentes ritmos, cantar músicas variadas, apreciar imagens, ajudando-a a fazer sua leitura, perceber texturas e formas dos objetos é um modo de lhe oferecer recursos para a leitura de seu mundo.

Lowenfeld e Brittain (1977) apontam o papel vital que a arte desempenha na educação infantil. Segundo enfatizam, ao fazer desenhos, pinturas ou outras formas de construção, a criança realiza um processo complexo, pois une elementos variados de sua experiência para dar vida a um significado novo de uma totalidade. A criança une o que viu, o que sentiu, o que pensou e dá uma forma muito própria a isso. Ela busca compreender e dar sentidos a sua existência, daí observarem que a criança, mais que uma pintura ou escultura, cria uma parte de si mesma, um modo de interpretar e compreender o mundo. Assim, fazer arte não é um simples passatempo, é uma forma de comunicação consigo mesma, é importante para ela, para seus processos cognitivos, perceptuais, emocionais, sociais e para seu desenvolvimento criativo. Acrescentaríamos ser importante, também, para seu desenvolvimento intrapessoal, para seu autoconhecimento.

Outro ponto significativo a considerar é que a arte permite outro aprendizado fundamental: o da autonomia. Aponta-nos Maldonado (1986): “O desenvolvimento emocional, em linhas gerais, pode ser concebido como um longo caminhar que se inicia da dependência quase total do bebezinho para a interdependência do adulto que dá e recebe numa relação

madura de troca”. Enfatiza que “a autonomia da criança é a principal manifestação de seu crescimento” (p. 29), logo, algo a ser estimulado. Isso implica educar-se emocionalmente também. E cabe a nós, educadores, a tarefa de ajudar nossas crianças a se tornarem adultos responsáveis, capazes de tomar decisões e fazer escolhas.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2010) apresentam os princípios que devem nortear a primeira etapa da educação no país. Nestes se incluem os princípios estéticos: “da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (p. 90). Ainda enfatizam que devem ser observadas: “A indivisibilidade das dimensões expressivo-motora, afetiva, cognitiva, linguística, ética, estética e sociocultural da criança” (p. 69).

Tanto as atividades lúdicas quanto as artísticas, essencialmente lúdicas quando se voltam para a criança, reafirmamos, são atividades integradoras, uma vez que envolvem pensamentos, sentimentos e movimentos e, exatamente por esta característica integradora e por todas as habilidades e qualidades que a criança desenvolve através das múltiplas expressões artísticas são também formas de trabalhar sua inteligência emocional. Entretanto, para que as atividades possam ser pensadas como um recurso significativo para o desenvolvimento infantil e para o desenvolvimento da inteligência emocional, tais atividades não podem ser castradoras, como acontece, muitas vezes, na escola, elas precisam dar espaço à expressão criativa, à sensibilidade, à intuição, à fantasia, à percepção da criança, à autonomia, não devendo ser utilizadas apenas para exercitar a coordenação motora, fazer cópias de modelos, ensinar cores, cantar para manter a ordem ou direcionar uma atividade, entre outras que não podem ser denominadas de atividades artísticas.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (PCNs), encontramos um trecho que nos parece muito significativo para reflexão, em que se observa que o trabalho com a arte possibilita que a compreensão do mundo seja mais rica:

[...] a arte nos ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada momento, *ser flexível*. [...] *O ser humano que não conhece a arte tem uma experiência de aprendizagem limitada*, escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida (BRASIL, 1997, p. 21, grifos pessoais).

Duarte-Júnior (2008) enfatiza que o sensível não se limita à formação educacional escolar da criança e do jovem, mas que se prolonga pela vida dos indivíduos uma vez que

estamos em aprendizado permanente. E como precisamos de arte e de sensibilidade, como precisamos de humanidade!

5 Para concluir

A educação emocional pode amenizar e até servir como uma fonte extra de motivação para superar as dificuldades de aprendizagem das crianças classificadas como socioemocionais, isto é, aquelas em que as dificuldades se apresentam na relação do indivíduo consigo mesmo e/ou com o outro. Para isso, assim como para desenvolver o potencial dos pequenos, são necessários professores que, além de competência técnica, sejam também acolhedores, positivos, e que transmitam que acreditam no potencial da criança. A criança precisa receber apoio para que possa lidar com as dificuldades, com os que a cercam e consigo mesma. Vale lembrar que a principal forma de aprendizagem das crianças é a imitação, logo, precisam de adultos que busquem soluções para aprenderem a ser, também, proativos, adultos que valorizem suas qualidades para construir um bom autoconceito, adultos que falem sobre as emoções, que ensinem a buscar diferentes alternativas e a persistir. E que a criança possa ter a oportunidade de refletir sobre sua forma de ser no mundo, compreendendo que esta forma sempre é passível de modificações, que dificuldades podem ser superadas com acompanhamento adequado e com a aprendizagem das habilidades que lhe faltam naquele momento. Importante transmitir claramente às crianças uma perspectiva de superação.

Nossos estudos, assim como nossa prática na escola ou no consultório, nos apontaram que o movimento expressivo e as atividades artísticas são ricas possibilidades de trabalhar a educação das emoções, desenvolvendo a inteligência emocional, isto é, as inteligências interpessoal e intrapessoal. A educação emocional se torna viável através do movimento expressivo e das atividades artísticas porque a criança é considerada em sua integralidade – motricidade, afetividade e cognição; é vista, também, como um ser que é individual e social, que estabelece relações consigo mesma, com os que a cercam e com seu meio ambiente, de modo a desenvolver qualidades e habilidades necessárias para tal.

Não temos dúvidas de que a forma mais eficaz de promover mudanças se dá através da educação. Necessário, porém, mais que racionalidade técnica para que tenhamos transformações de fato: precisamos de humanidade, de arte, de sensibilidade. É necessário, ainda, ter uma visão integral da criança e um ensino que não perca de vista a totalidade do ser.

Através do movimento e das manifestações artísticas, a criança pode expressar dúvidas, construir e reconstruir ideias que povoam seu imaginário, dando-lhes formas, cores,

movimentos, brincando com possibilidades, buscando respostas para suas dúvidas. É um modo de vivenciar através de formas expressivas que não a verbal aquilo que percebe ou sente, uma vez que ainda não tem o domínio necessário das palavras.

Para que a expressão infantil seja estimulada, é importante que as atividades oferecidas sejam ricas, e não castradoras como oferecer à criança folhas xerocadas com desenhos prontos, estipular o movimento exato, o que fazer com a argila ou a massinha de modelar, estipular as cores, fazê-la copiar do quadro de giz um determinado desenho sem permitir-lhe qualquer forma de variação. A pura imitação acaba por lhe podar os impulsos criativos, a autonomia e até a autoestima, pois a criança se vê incapaz de se autoexpressar e fazer escolhas. O movimento expressivo organiza os pensamentos e as emoções, contribuindo para a sua estruturação cerebral.

Superar dificuldades de aprendizagem e nas relações exige que se desenvolvam a autoconfiança, a autoestima, a autonomia, a capacidade de adaptação (flexibilidade), que geram sentimentos de segurança e equilíbrio. Qualidades como criatividade, empatia, imaginação e autoexpressão, também, são fundamentais nesse processo.

Ensinar habilidades socioemocionais pode ser comparado a uma espécie de vacina psicológica que proporciona uma forma mais saudável de superar problemas quando estes já existem, e de proporcionar maiores oportunidades de êxito na vida, de relações mais saudáveis e de proteção contra a depressão, o estresse e a ansiedade, o que, sem dúvida, é uma epidemia mundial que gera inúmeros transtornos, dentre eles, dificuldades de aprendizagem.

Referências

ALVES, C. M. G. *Inteligência emocional em crianças com dificuldades de aprendizagem: uma perspectiva educativa*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010.

_____. Ministério de Educação e do Desporto. *Parâmetros Curriculares Nacionais: artes*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF. 1997.

BRODSKY, J. *Del dolor y la razón*. 2. ed. Barcelona: Ediciones Destino, 1995.

CORNEL, A. E. M. V. *et al.* Aspectos emocionais nas dificuldades de aprendizagem. In: VALIATI M. R. M. S. *et al.* *Desenvolvimento da criança e do adolescente: Avaliação e intervenção*. Curitiba: Íthala, 2011.

DAMÁSIO, A. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DUARTE JR, J. F. *Fundamentos estéticos da Educação*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2008.

FONSECA, V. *Psicomotricidade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GARDNER, H. *Frames of mind: The theory of multiple intelligences*. New York: Basis, 1983.

GIMENEZ-DASI, M.; QUINTANILLA, L.C. (Coords). *Desarrollo emocional en los primeros años de vida. Debates actuales y retos futuros*. Madrid: Piramide, 2018.

GOLEMAN, D. *El cerebro y la inteligencia emocional: nuevos descubrimientos*. Barcelona: Grupo Zeta, 2011.

_____. *Inteligencia Emocional*. 24. ed. Barcelona: Kairós, 1995.

LOPES, J. A. *Conceptualização, avaliação e intervenção nas dificuldades de aprendizagem. A sofisticada arquitetura de um equívoco*. Braga, Portugal: Psiquilibrios Editor, 2010.

LOWENFELD, V; BRITTAIN, W.L. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MADEIRA, J.M.M. *Programa extracurricular de educación emocional: acercando niños y padres a la educación centrada en el individuo*. Tese (Doutorado em Psicologia) –Universidade de Oviedo, Espanha, 2016.

MALDONADO, M. T. *Comunicação entre pais e filhos. A linguagem do sentir*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

MAYER, J. D.; SALOVEY, P. What is emotional intelligence? In: SALOVEY, P.; SLUYTER, D (Eds.). *Emotional development and emotional intelligence: implications for educators*. New York: Basic Books, 1997. p. 3-31.

OSTROWER, F. *Criatividade e processos de criação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

PEREIRA, L. H. P. *Bioexpressão. Corpo, movimento e ludicidade: unindo fios, tecendo relações e propondo possibilidades*. Curitiba, PR: CRV, 2011.

_____. O corpo também vai à escola? As atividades bioexpressivas e a educação de criança. In: DAMIANO, G.A.; PEREIRA, L.H.P.; OLIVEIRA, W. C. (Orgs.). *Corporeidade e Educação: tecendo sentidos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 201-223.

_____. *Bioexpressão: a caminho de uma educação lúdica para a formação de educadores. Ludicidade e auto-expressão*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

ART AND EXPRESSIVE MOVEMENT: POSSIBILITIES TO STIMULATE INTELLIGENCE EMOTIONAL DEVELOPMENT OF THE CHILD AND OVERCOME SOME LEARNING DIFFICULTIES

Abstract: This article defines the emotional education and shows how it can be used to minimize learning difficulties classified as social-emotional difficulties. This is, relationship problems with oneself and/or others (ALVES, 2013), which requires the development of Interpersonal and intrapersonal intelligences (GOLEMAN, 1995). Over the years, plenty of researches indicate that both expressive movement and art are valuable tools for improving emotional education. Children may express their doubts and concerns, shape and reshape ideas in their imagination free rein. Giving them new shapes, colors, movements. Playing with all sort of new possibilities. Looking for answers to their doubts. Expressive movement and art are ways of learning through expressive forms that do not verbalize what is directly perceived and felt, since children do not yet have the abilities to use words and emotions properly. Children are even able to develop essential skills such as self-esteem, self-confidence, empathy, self-control, autonomy, creativity and flexibility.

Keywords: Learning difficulties. Emotional education. Expressive movement. Art.